



UMA CONFRARIA PARA SALVAR A HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO ALEMÃ DO ESQUECIMENTO: O INSTITUTO HISTÓRICO DE SÃO LEOPOLDO - IHSL - E SUAS ESCRITAS

A CONFRATERNITY TO SAVE THE HISTORY OF GERMAN IMMIGRATION AND COLONIZATION OF OBLIVION: THE HISTORICAL INSTITUTE OF ST. LEOPOLD - IHSL - AND ITS WRITINGS

Daniel Luciano Gevehr *

Faculdades Integradas de Taquara – FACCAT

 <https://orcid.org/0000-0003-1815-4457>

danielgevehr@faccat.br

Rodrigo Luis dos Santos **

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

 <https://orcid.org/0000-0003-3447-6026>

r.luis@gmail.com

RESUMO: Discute-se a criação e atuação do Instituto Histórico de São Leopoldo (IHSL) e do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo (MHVSL) e suas relações com a produção e difusão de narrativas sobre a história da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul. Tendo a formação das primeiras associações científicas no Brasil, como ponto de partida para análise, se busca compreender o contexto de surgimento e a atuação destas associações, que se voltam para a pesquisa e a construção de narrativas sobre o passado, em especial sobre a imigração alemã, protagonizada pelo IHSL.

* Realiza estágio pós-doutoral no PPG em História da UNISINOS, doutor em História e professor titular do PPG em Desenvolvimento Regional (PPGDR) da FACCAT. Líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) Instituições, Ordenamento Territorial e Políticas Públicas para o Desenvolvimento Regional. Coordenador do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios e Processos Identitários (NIEMPI)/ FACCAT.

** Realiza doutorado no PPG em História da UNISINOS, bolsista CAPES, membro do Instituto Histórico de São Leopoldo (IHSL). Membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios e Processos Identitários (NIEMPI)/ FACCAT.

PALAVRAS-CHAVE: Associações científicas, imigração alemã, Instituto Histórico de São Leopoldo.

ABSTRACT: The creation and performance of the Historical Institute of São Leopoldo (IHSL) and of the Visconde de São Leopoldo Historical Museum (MHVSL) and its relations with the production and diffusion of narratives on the history of German immigration and colonization in Rio Grande do Sul. The formation of the first scientific associations in Brazil, as a starting point for analysis, seeks to understand the context of emergence and the performance of these associations, which focus on the research and construction of narratives about the past, especially about the German immigration, starring the IHSL.

KEYWORDS: Scientific associations, German immigration, Historical Institute of São Leopoldo.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O meio acadêmico universitário brasileiro começou a se desenvolver, de forma mais expressiva, somente a partir do final da década de 1930, alinhado com as transformações políticas e culturais trazidas pela Era Vargas. Até então, percebe-se claramente, que coube, especialmente às associações científicas [que na maioria das vezes originou-se fora do meio acadêmico das Universidades] e aos redutos de letrados e intelectuais, o fomento das primeiras atividades voltadas à promoção do pensamento científico, como as jornadas acadêmicas e encontros regionais/nacionais de pesquisa de diversas áreas da ciência.

Deve-se, antes de mais nada, reconhecer a importância dos estudos publicados por importantes autores brasileiros, que escreveram textos fundamentais, sobre a formação das elites e das instituições científicas no Brasil, como Sergio Miceli, Lilia Schwarcz, Maria Margareth Lopes e, também sobre a historiografia produzida sobre os indígenas no Brasil, como são os casos de John Monteiro e Manuela Carneiro da Cunha. Esses autores contribuem, de forma basilar, para se pensar o processo histórico no qual se inscreve a produção dos saberes sobre a nação, a partir do olhar das elites intelectuais e da constituição das instituições científicas no Brasil.

No caso das Ciências Humanas e, de forma mais particular, dos estudos históricos, foi o Instituto Histórico, o órgão responsável pela organização dos quatro primeiros eventos científicos voltados à socialização de pesquisas no campo da história. Como parte dessa trajetória inicial, tem-se os três primeiros congressos de “história nacional”, (1914, 1931 e 1938) e o I Congresso Internacional de História da América, que foi realizado em 1922, data em que se comemorou o centenário da Independência do Brasil (Guimarães, 2004).

Ainda que se considere o início do século XX, como um momento de protagonismo da história acadêmica no Brasil, deve-se lembrar que antes disso, ainda nas primeiras décadas do século XIX, logo após a independência política, se pensou na criação de uma instituição voltada ao registro da memória. Conforme mostra o Art. 1º do Estatuto de 1838, que cria o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), são objetivos da instituição de memória "coligir, metodizar, publicar ou arquivar os documentos necessários para a História e a Geografia do Brasil.." (IHGB, 2019).

O IHGB, reúne mais de 160.000 documentos, como papéis oficiais e cópias de época, álbuns e fotos. Como parte de suas atividades científicas, o IHGB criou a Revista do IHGB, em 1839, para divulgar o conhecimento sobre a história e a geografia brasileiras, tornando-se inclusive, uma das mais antigas publicações especializadas do Ocidente.

O IHGB criou em 1851, um museu, cuja missão é recolher e organizar materiais referentes à História e a Geografia do país. O primeiro diretor o historiador foi Francisco Adolfo de Varnhagen, futuro Visconde de Porto Seguro. Os objetos que constituem sua expografia são resultado de diversas expedições científicas realizadas pelo Brasil, além de reunir obras de arte e documentos originários de arquivos públicos e privados, que buscam, "cada um desses objetos, através do seu valor simbólico, reflete um pouco da formação e do empenho do Instituto na preservação da Memória Nacional" (IHGB, 2019).

De acordo com Oliveira (2010:38), que se vale da ideia apresentada por Luiz Francisco da Veiga, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), se pode melhor compreender a concepção de história, presente no momento da criação do IHGB. Nas palavras de Veiga, o IHGB se colocava como responsável por escrever a verdadeira história do Brasil, "a história real", que valorizava os heróis e seus feitos, contribuindo para a afirmação da "verdadeira história."

Deve-se considerar, entretanto, que a composição do instituto, seguia uma lógica própria, que legitimava e dava "voz" àqueles que se faziam presentes através da sua condição social e pelas relações de sociabilidade, formando uma verdadeira "redes." As produções resultantes das atividades de pesquisa realizadas no IHGB expressam o objetivo de dar visibilidade e até mesmo, prestar homenagem aos grandes vultos da história nacional. As publicações do IHGB legitimam, também, a força civilizadora do império, uma vez que nelas, os indígenas são apresentados como entrave ao desenvolvimento e à ocupação do território brasileiro. Para o autor "mesmo que os membros do Instituto Histórico em geral não defendessem os meios violentos de dizimação dos índios,

sustentavam que sua presença em territórios recém-abertos à exploração era um entrave para a colonização daquelas áreas (Kodama, 2010, p.257).

Investidos de uma nova responsabilidade, de escrever no contexto de transformações das primeiras décadas do século XX e na qual a história era repensada em termos paradigmáticos - os membros e colaboradores do IHGB se viram diante da “ ideia de que a história escrita representava o ponto de chegada da difícil peregrinação em busca das marcas do passado e do esforço concomitante para submeter todos os vestígios a uma ordenação narrativa, passaria a circunscrever as qualificações do “verdadeiro” historiador (Ibidem, p.43).

Nas primeiras edições do Congresso de História [1914, 1931 e 1938] os temas recorrentes foram o protagonismo português no processo de formação do Brasil, exaltando a ação civilizadora e a presença da Igreja Católica na formação social e cultural da nação. Já em 1949, por indicação do historiador Pedro Calmon, e com o propósito de celebrar os 400 anos da fundação de Salvador (BA) e da criação do Governo Geral, o IHGB promoveu o IV Congresso de História Nacional. O tema central do evento científico foi o período colonial, contando com pesquisadores nacionais e estrangeiros, priorizando-se a presença de portugueses, uma vez que pretendia-se privilegiar a história da América Portuguesa (Guimarães, 2004).

A partir da segunda metade do século XIX, a Europa viu um progressivo aumento da realização de eventos de caráter científico, em especial de congressos internacionais, que se multiplicaram pelo continente. O protagonismo desses eventos coube à Paris, que ocupou o lugar de protagonista e uma espécie “de capital” desses eventos. Somava-se a esses congressos, a ocorrência das exposições universais [1878, 1889 e 1900], que chamavam a atenção global para a capital francesa, e que acabaram dando expressiva visibilidade à cidade, como hospedeira de grande eventos internacionais.

Na perspectiva da matriz europeia, que influenciou decisivamente a formulação das ações do IHGB, ocorre, em 1922, por iniciativa do IHGB, o I Congresso Internacional de História da América. Também conhecido como Congresso de História da América, o evento, ao contrário dos demais realizados, foi de caráter internacional, seguindo a tendência de internacionalização dos eventos europeus e, buscando, aproximar as discussões realizadas em âmbito nacional, com as pesquisas realizadas por pesquisadores de outros países, em especial os latino-americanos.

Essas mudanças, inserem-se no conjunto das transformações da geopolítica internacional, com a mudança do eixo da política internacional, de Londres para

Washington, evidenciando o protagonismo americano. O deslocamento do eixo de poder para a América fez com que os pesquisadores do IHGB buscassem se aproximar das sociedades científicas do continente americano.

É o caso do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS), criado em 05 de agosto de 1920, com o propósito de particularizar a produção de pesquisas sobre o extremo sul do Brasil. A instituição é privada sem fins lucrativos e foi fundada por iniciativa de Octavio Augusto de Faria, o capitão Manoel Joaquim de Faria Corrêa, o tenente Emílio Fernandes de Souza Docca, Afonso Aurélio Porto, o padre João Batista Hafkemeyer, o desembargador Florêncio de Abreu e o governador do estado, Borges de Medeiros.

No histórico da instituição, afirma-se que o IHGRGS é “legatário de uma tradição que começa em 1853, com João Lins Cansanção de Sinimbu, então Presidente da Província. Sinimbu criou o Instituto Histórico da Província de São Pedro, no próprio Palácio do Governo, sendo ele o Presidente” (IHGRGS, 2019). Entretanto, com a saída de Sinimbu do Rio Grande do Sul, o instituto acabou se extinguindo, ressurgindo somente em 1920 com sua refundação.

Além das atividades de pesquisa, iniciadas em 1920, com sua reabertura, o IHGRGS passou a publicar sua revista, que circulou entre 1921 e 1950. Após ser interrompida por 25 anos, as edições voltaram a circular em 1975. Seguindo a tradição das associações científicas estrangeiras e nacionais, o IHGRGS realizou, desde sua criação, quatro Congressos de História e Geografia, de âmbito nacional [1935, 1937, 1940 e 1945]. Os eventos contaram com a participação de estudiosos das áreas de ciências humanas e sociais, além de pesquisadores de diferentes instituições científicas e culturais nacionais e internacionais.

A organização do IHGRGS, criado em 1920, revela a preocupação, por parte de uma elite política – como Getúlio Vargas (presidente da república) e Ildo Meneghetti (governador do estado) –, atuante na cena política. A preocupação com a escrita sobre o passado do Rio Grande do Sul revelou questões bastante singulares, como a ênfase dada ao movimento social dos Farrapos [tema central do primeiro e quarto congressos], que constituiu-se numa espécie de “mito fundante” da identidade do gaúcho. As pesquisas desenvolvidas na esfera do IHGRGS permitem afirmar os objetivos presentes em suas ações, na medida em que temas como, “os heróis”, “os grandes homens”, os “grandes feitos militares” e a “ação civilizadora do Estado” são recorrentes em suas publicações até a primeira metade do século XX.

As contribuições do IHGRGS para a historiografia sul-rio-grandense são expressivas, aproximando as discussões do âmbito regional e apontando novos problemas de pesquisa, que passam a ser debatidos nas associações científicas, que surgem no interior do estado. Pelotas, Passo Fundo e São Leopoldo são exemplos que passam a “escrever a sua história” e produzir verdadeiros “regimes de historicidade” (Hartog, 2014).

A COLÔNIA ALEMÃ E A CRIAÇÃO DO IHSL: A FORMAÇÃO DE UMA NOVA INTELECTUALIDADE

Em reportagem de três páginas da *Revista Rua Grande*, periódico que retratava fatos cotidianos, sociais e culturais leopoldenses, o jornalista Ribeiro Pires, fundador e diretor da revista, descreveu a cerimônia de instalação do Instituto Histórico de São Leopoldo, na data de 25 de julho de 1951. As palavras iniciais do jornalista assumem uma conotação poética:



Ele nasceu no entardecer frio e de céu estrelado do ano 151 da imigração alemã, no auditório da Biblioteca Municipal Olavo Bilac. Muito embora o frio gélido do minuano que soprava, havia em todos os corações presentes um calor de reverência e um preito de saudade e reconhecimento ao feito épico dos imigrantes que aqui aportaram em 25 de julho de 1824. O Instituto Histórico de São Leopoldo vai pesquisar a história dessa imigração para contá-la a nós e a nossos pósteros. É dizer com exatidão quão benéfica foi a semente lançada pelos nossos irmãos que no século passado vieram do além-mar, implantando na Feitoria Real do Linho Cânhamo as bases de uma cidade, hoje tão cheia de fé, cultura e trabalho (RUA GRANDE, 1975, p.23).

Mas, antes de prosseguir com a análise da oficialização e desenvolvimento das atividades do IHSL, convém retomar duas situações emblemáticas para a criação da entidade. A primeira delas remonta ao ano de 1946, poucos meses após o término do regime do Estado Novo: o Congresso de História e Geografia de São Leopoldo. Naquele ano, comemorava-se o centenário da elevação de São Leopoldo à categoria de vila, o que representava uma autonomia administrativa e política da antiga Colônia Alemã. Deste modo, em 1846, era instalada a primeira Câmara de Vereadores. Alguns anos mais tarde, em 1864, São Leopoldo recebera a ascensão ao grau de Município.

Aproveitando das possibilidades comemorativas da data e, dentro do contexto de redemocratização brasileira após a queda de Getúlio Vargas, o então prefeito leopoldense, o advogado Carlos de Souza Moraes, lança o projeto de um congresso que abordasse aspectos históricos e geográficos de São Leopoldo e do Rio Grande do Sul. Para tanto, Moraes articulou a organização do evento em parceria com o Instituto Histórico e

Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS). Alguns anos mais tarde, Moraes ingressaria como sócio do IHGRGS. Antes disso, já participara de outras entidades intelectuais, como a Academia Rio-grandense de Letras, para qual foi eleito e tomou posse em 1938.

À luz dos estudos realizados por Schwarcz (1993) sobre o papel dos cientistas e das instituições científicas na formação do pensamento sobre raça e identidades no Brasil, analisa-se a realização do congresso, de julho de 1946, que fomentou a incursão, em torno da organização de uma *intelectualidade* que pesquisasse e discutisse aspectos relativos à imigração alemã, buscando com isso, “recuperar a memória do grupo étnico”. Cabe ressaltar que, durante o período estadonovista, imigrantes e descendentes de alemães, estiveram entre os grupos étnicos mais perseguidos no Rio Grande do Sul, sofrendo retaliações no tocante de seus elementos culturais e identitários, como o uso da língua alemã.

Outrossim, o período imediatamente posterior ao fim do regime ditatorial, embora ainda de forma moderada, estabeleceu uma agenda política de restabelecimento de valores e reconfigurações na abordagem histórica, social e cultural sobre o processo migratório, especialmente de origem germânica, no estado sulino. Na década seguinte, esse repertório intencional ganhou mais ênfase, com a criação de um espaço de memória visando restituir o espaço sociocultural que fora subtraído de imigrantes alemães e seus descendentes: o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo (MHVSL).

Fundado em 20 de setembro de 1959, para salvar do esquecimento, da perda e da destruição, objetos, livros, cartas, jornais, documentos e outros elementos que se referiam à história da imigração e colonização alemãs na região que formava a então Colônia de São Leopoldo, que atualmente abrange os municípios dos vales do Sinos e Caí. O processo de obtenção e organização do acervo para a futura instituição museal iniciou ainda na primeira metade dos anos 1950.

Dentre os responsáveis mais diretos por esse trabalho, estavam o comerciante e pesquisador, Germano Oscar Moehlecke e os professores Kurt Schmeling e Telmo Lauro Müller. Moehlecke foi presidente do MHVSL por mais de 38 anos, enquanto Müller foi diretor da instituição por mais de 40 anos. Sua primeira sede foi uma pequena sala cedida pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Cristo Rei (futura Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS), mantida pelos padres jesuítas. Posteriormente, foi transferido para o prédio de um antigo clube social e, em 20 de setembro de 1985, mudou-se em definitivo para a sede que ocupa até os dias de hoje.

Ao visitar-se as redes sociais do MHVSL, encontram-se as seguintes informações, que demonstram ainda as finalidades iniciais para qual a instituição foi criada: “o acervo de nosso museu conta a saga de um povo que, com força e coragem, ajudou a construir o Rio Grande do Sul (MHVSL, 2019). Além disso, enfatiza que a imigração alemã foi contributa importante para a cultura, arquitetura, política e nas diversas áreas que compõem o cenário em que hoje vivemos. Essa história de trabalho e integração está reunida nos acervos da instituição.

O Museu Histórico Visconde de São Leopoldo é mantido a por uma rede de amigos e mantenedores que, com trabalho voluntário e apoio financeiro, permitem ao museu seguir na sua permanente missão de preservar e divulgar a história às novas gerações. Anualmente, milhares de crianças e jovens têm a oportunidade de usar o museu como sala de aula e, a partir das exposições, conhecerem um pouco mais sobre a história de seus antepassados e da região (MHVSL, 2019).

Compreender os dois eventos anteriormente descritos é importante para a percepção da construção intelectual em torno da temática da imigração alemã constituída desde o final do Estado Novo. Além disso, é fundamental para mapear as relações sociais, políticas e intelectuais que são estruturadas, pois, como veremos, agentes sociais que agiram tanto para a realização do congresso quanto para a fundação do museu, mais tarde estiveram congregados no IHSL.

Retomando a cerimônia de fundação e posse dos sócios do Instituto Histórico de São Leopoldo, ocorrida nas dependências da Biblioteca Pública Municipal Olavo Bilac, contou com a presença de autoridades civis, eclesiásticas e militares, entre as quais vale destacar: o prefeito leopoldense, Henrique da Costa Prietto, Dr. Werner von Beyme (cônsul geral da República Federal da Alemanha no Rio Grande do Sul) e Rodolfo Englert (presidente da Comissão Estadual da Imigração Alemã nos Festejos do Biênio da Imigração e Colonização 1974-1975).

Um dos momentos mais importantes do cerimonial, foi a posse dos primeiros 20 sócios da entidade: Helga Piccolo (professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS), Ramiro Frota Barcellos (médico e escritor), Angela Sperb (professora), Bertholdo Weber (pastor luterano), Carlos Henrique Hunsche (comerciante, escritor e genealogista), Adolfo Zimmermann Neto (engenheiro), Germano Moehlecke (comerciante e pesquisador), Moacyr Domingues (militar e pesquisador), Arthur Rabuske (padre jesuíta e pesquisador), Guilherme Rotermund (advogado e pesquisador), Milton Valente (padre jesuíta e professor), Ruben Neis (padre jesuíta e pesquisador), Leandro Silva Telles

(bacharel em Direito e pesquisador), Klaus Becker (historiador), Sérgio Dillenburg (jornalista), Carlos de Souza Moraes (advogado, político e escritor), Liene Maria Martins Schütz (professora), Pedro Ignácio Schmitz (padre jesuíta, professor e arqueólogo), Telmo Lauro Müller (professor) e Walter Koch (professor). A ordem dos confrades e confradeiras está de acordo com as cadeiras que ocuparam na entidade. O primeiro presidente do IHSL foi Telmo Lauro Müller, que ocupou a função por mais de 25 anos.

A nominata dos integrantes do IHSL e as funções e/ou formações que possuíam demonstram uma multiplicidade de visões: professores (especialmente no campo da História e Linguística), jornalista, padres, pastor luterano, médico, militar, engenheiro, comerciante. Além disso, dos vinte associados, nove residiam em São Leopoldo, sete em Porto Alegre, uma em Novo Hamburgo, uma em Portão, um em Gramado e um morava em Canoas. Outro ponto interessante deste grupo inicial é a presença feminina: foram apenas três mulheres sócias fundadoras.

Hoje, o Instituto Histórico de São Leopoldo conta com 30 associados, sendo quinze mulheres e quinze homens. Destes, a maioria são de professores e professoras que atuam no ensino e pesquisa nos campos da História, Letras, Sociologia, Antropologia, Educação, Filosofia, Teologia e Patrimônio, além de contar com arquiteto e proprietário de editora.

Outro marco importante, que contribuiu decisivamente para a criação da entidade - e que hoje constitui o principal espaço de ampliação e divulgação de pesquisas em torno da temática das migrações, não mais apenas a alemã - foi o Simpósio de História da Imigração e Colonização. A primeira edição ocorreu em setembro de 1974, dentro das atividades alusivas ao Sesquicentenário da Imigração Alemã, inseridas nas festividades do Biênio da Imigração e Colonização. Sua organização foi capitaneada por futuros membros do IHSL.

Posteriormente, foram realizadas outras edições bienais, sendo que a mais recente ocorreu em setembro de 2018. Desde a edição do ano 2000, o evento passou a contar com o apoio, em sua execução, do Programa de Pós-graduação em História da UNISINOS, passando também a ser realizado nas dependências do campus da instituição (anteriormente era realizado na Biblioteca Pública ou nas dependências da Antiga Sede da UNISINOS). Com essa parceria, o evento passou a adotar uma perspectiva mais acadêmica, ao mesmo tempo em que assumiu uma dimensão internacional.

Pode-se pensar a relação próxima, entre o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo e o Instituto Histórico de São Leopoldo, a partir do fato de que a confraria, que

congrega os membros do IHSL, tem sua sede e realiza, mensalmente, suas reuniões, nas dependências do MHVSL. No segundo andar do museu, se encontra a sala de reuniões da confraria, que conta com mesas e cadeiras, identificadas com seus patronos, e cujos nomes estão inscritos nas cadeiras, ocupadas pelos confrades. Sobre este aspecto, a lista de patronos das referidas cadeiras - adotando um simbolismo presente em outras instituições intelectuais, como o IHGB, a Academia Brasileira de Letras, o IHGRGS - homenageia personagens históricos que, nos séculos XIX e XX, estiveram vinculados com a imigração alemã ou atuaram em algum campo da sociedade.

As três primeiras cadeiras, homenageiam, respectivamente, autoridades nacionais, estaduais e locais, que desempenharam papel decisivo na vinda e na distribuição das primeiras levas de imigrantes em solo sul-rio-grandense. São enaltecidos os nomes da imperatriz Leopoldina, do presidente da província de São Pedro do Rio Grande do Sul, o Visconde de São Leopoldo, e o agrimensor e primeiro diretor da Colônia Alemã de São Leopoldo, José Thomaz de Lima. Também há cadeiras que prestam tributo aos líderes religiosos coloniais, tanto católicos quanto luteranos: pastor Johann Ehlers (cadeira n. 4), padre Ambrósio Schupp, S.J. (n. 9), pastor Wilhelm Rotermund (n. 10), padres Carlos Terschauer, S.J. (n. 11), Theodor Amstad, S.J. (n. 12), João Hafkmeyer, S.J. (n. 15) e Luiz Gonzaga Jaeger, S.J. (n. 18). Destes religiosos, boa parte também se dedicou intelectualmente a escrever sobre episódios da imigração alemã, como o episódio da Batalha dos Mucker, de caráter messiânico, ocorrido entre 1868 e 1874 no morro Ferrabrás, na localidade de Sapiranga, em São Leopoldo, culminando com a ação repressiva do Exército Imperial e a morte da líder do grupo, Jacobina Mentz Maurer.

Outras cadeiras homenageiam lideranças sociais e políticas, como o coronel João Daniel Hillebrand (cadeira n. 5), o major Leopoldo Petry (n. 17), coronel Aurélio Porto (n. 16) e os deputados Karl von Koseritz (n. 8), no período imperial, e Arno Phillip (n. 14) e Lindolfo Collor (n. 19), já na República. Estes, além das atividades políticas, também produziram escritos abordando aspectos da sociedade de origem alemã no Brasil e suas contribuições. É o caso de Aurélio Porto e sua obra *O trabalho alemão no Rio Grande do Sul, de 1934*. E, por fim, aquelas que homenageiam os que se destacaram em áreas como a Engenharia - Alphonse Mabilde (n. 6) -, Arquitetura - João Grünwald (n. 7) -, Artes - Pedro Weingartner (n. 13) - e na Literatura, como Erich Fausel (n. 20).

Concomitante a isso, percebe-se que, desde sua fundação, pessoas ligadas diretamente ao museu, como Müller e Moechlecke, fizeram parte da confraria intelectual. Diante desses elementos, torna-se inevitável a associação das duas instituições, uma vez

que, estando o instituto histórico, sediado no museu da imigração alemã, ambas as instituições acabam desempenhando uma função, que Ribeiro (2018, p.51) chamou de *caráteres cívico, didático e científico*.

A expografia presente no museu da imigração alemã, revela uma visão positiva da imigração alemã e, de sua contribuição, para com a sociedade hospedeira, que recebera estes imigrantes desde 1824. Assim, os objetos que integram os espaços apresentam imigrantes e descendentes bem sucedidos, em áreas como a economia e mundo empresarial, as famílias mais abastadas de São Leopoldo e região, as dinâmicas da sociabilidade, dos espaços culturais e educacionais, além de destacar a presença nos conflitos bélicos - sobretudo do século XX, como a Guerra dos Farrapos (1835-1845) e a Guerra do Paraguai (1865-1870). E nesse espaço físico é que, desde sua criação, ocorreram as sessões do IHSL, o que leva a comprovar que ambos têm forte relação.

Entretanto, no que confere ao prisma das construções intelectuais, acerca da historiografia sobre a imigração alemã e seus desdobramentos, o passar dos anos tem possibilitado pontos de divergências entre o discurso e a narrativa do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo e as pesquisas e produções do Instituto Histórico de São Leopoldo.

A SALVAGUARDA DA MEMÓRIA: A PRODUÇÃO DA ESCRITA SOBRE A IMIGRAÇÃO ALEMÃ

Entre os dias 12 e 15 de setembro de 1974, dentro das comemorações do Sesquicentenário da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul, ocorreu o I Simpósio de História da Imigração e Colonização. A idealização da atividade coube aos integrantes da subcomissão de Assuntos Históricos e Culturais, sendo sua execução capitaneada por um grupo de trabalho, composto por Carlos de Souza Moraes, coronel Moacyr Domingues, Klaus Becker, padre Arthur Rabuske, S.J. e Telmo Lauro Müller, que acumulou a função de coordenador geral do Simpósio. Como vimos anteriormente, estes intelectuais compuseram, a partir de 1975, o quadro dos primeiros sócios do Instituto Histórico de São Leopoldo. Inserido numa perspectiva comemorativa, o simpósio também tinha uma intencionalidade de caráter enaltecido: identificar e valorizar as contribuições de imigrantes alemães e seus descendentes para a sociedade receptora, ou seja, o Rio Grande do Sul e o Brasil dos séculos XIX e XX.

A narrativa de Englert exemplifica o fio-condutor que delineou o corolário argumentativo das intervenções ocorridas durante o simpósio. A análise mais crítica dos

textos resultantes das apresentações de estudos evidenciam uma abordagem mais edificante da imigração alemã, seus contributos e benefícios. Aspectos mais polêmicos não foram contemplados ou, quando trazidos para exposição, relativizados. Durante os dias do evento, os estudos apresentados foram divididos em sessões de trabalhos, perfazendo um total de dezenove apresentações. Deste número, sete expositores ingressaram, no ano seguinte, nas fileiras do IHSL. Os demais possuíam ligações com outras confrarias intelectuais, como o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Contemplando os temas que foram escolhidos como objetos de estudo, neste primeiro simpósio, pode-se enquadrá-los nos seguintes enfoques: 1) biográficos; 2) contribuições socioculturais e econômicas; 3) espaços de sociabilidade; 4) o episódio Mucker e, 5) locais de memória. Neste artigo, nos deteremos em analisar as duas primeiras divisões temáticas.

No primeiro grupo, se coadunam as pesquisas de Rodolfo Englert, ao destacar aspectos da vida do professor Luiz Englert (seu avô, que fora político no início da República no Rio Grande do Sul), do general Mário Fonseca, abordando a trajetória pessoal e política de seu pai, o coronel Theodomiro Porto da Fonseca, ex-prefeito leopoldense e deputado federal constituinte, e tenente-coronel Henrique Oscar Wiederspahn, que homenageou seu pai, o engenheiro Henrique José Wiederspahn.

O padrão narrativo dos três textos é o mesmo: um breve histórico sobre os personagens, conduzida de forma cronológica, exaltando seus méritos pessoais e feitos enquanto agentes políticos, sociais e profissionais. Além disso, corroboram para com uma percepção pacifista e operosa das relações sociais entre imigrantes e os cidadãos locais.

Como percebe-se, o tom empregado é relativizador, não equacionando eventuais problemas ou conflitos, mas reafirmando que o processo de integração social entre imigrantes e nacionais se deu de forma harmoniosa, exaltando o sentimento de acolhimento e de generosidade do povo sulino. Ao mesmo tempo em que ocorre a perpetuação de um modelo biográfico, calcado na linearidade, também se estabelecem marcos discursivos e representativos, difundidos no senso comum, sobre a presença imigrante, fortalecendo um imaginário construído nas crenças de apatia política, de pensamento ordeiro e bem sucedido, rotulando alemães e descendentes como um *modelo a ser copiado*.

O segundo campo temático, recai sobre as contribuições que imigrantes e descendentes realizam para com o Brasil, especialmente nas áreas econômica e sociocultural. Partindo da contribuição de nobres germânicos em solo rio-grandense, por

Armando Lauffer, até a análise do processo emigratório, dos costumes e influências, em pesquisa realizada por Liene Martins Schütz, encontra-se, novamente o escopo da narrativa, embasado no discurso positivador, sem aprofundar incongruências ou complexificar afirmações - assim como as fontes e metodologias empregadas. Ao focar a questão da participação política de imigrantes alemães nas primeiras décadas da colonização, após a chegada ao Brasil, Liene Schütz assevera que:

No início, os imigrantes pouco se importaram com as atividades políticas, de vez que, em sua terra de origem só era acessível às classes mais elevadas. Não eram estimulados a tomar posição de relevância administrativa, muito menos política, uma vez que suas opiniões, por serem estrangeiros, eram desvalorizadas. Ser estrangeiro, restringia o campo de ação; a ação política específica era considerada privilégio dos grandes proprietários portugueses. As leis brasileiras lhes impunham todos os deveres de cidadãos natos. (Anais, 1974, p.307).

Do ponto de vista historiográfico, a década de 1970, no Brasil, ainda sofria interferência de uma percepção que, ora pendia para uma análise positivista, ora assumia uma conotação alinhada com o marxismo. Deste modo, a apreciação metodológica e a leitura das fontes, estavam embebidas de uma interpretação superficial dos documentos, por parte de alguns pesquisadores, enquanto outros enquadraram seus objetos e lentes de apreciação pelo viés econômico e da luta de classes, sem atentar para outras variantes.

No caso exposto anteriormente, a leitura empregada por Schütz está inserida nessa conjuntura, retirando dos documentos e das versões orais apenas uma parte dos fatos, endossados com um discurso mais enaltecido do que comprometido com a criticidade. E, durante as duas décadas seguintes, uma considerável parte dos historiadores, assim como da sociedade regional, defenderam essa versão histórica. Além disso, o acervo reunido nas dependências do museu e, onde está sediado o IHSL, se constitui de documentos diversos, entre os quais se tem acesso as correspondências, os relatórios anuais, as fotografias e outros registros, que contam a trajetória dessa instituição científica. A leitura crítica dessas fontes, permitiu melhor compreender as narrativas produzidas pelo grupo, sobre a imigração alemã no sul do Brasil.

Em 1997, o historiador Marcos Justo Tramontini, vinculado ao Instituto Histórico de São Leopoldo desde o ano de 1993 (onde permaneceu até seu falecimento, em 2004), defendeu sua tese de doutoramento em História, na PUCRS, abordando a organização social dos imigrantes alemães nos primeiros vinte e seis anos da Colônia de São Leopoldo, entre 1824 e 1850. Seu trabalho é considerado até hoje um *divisor de águas* na historiografia sobre a imigração alemã no Rio Grande do Sul e no Brasil.

O mérito do trabalho de Tramontini reside - além do levantamento e análise pormenorizada de fontes documentais e de uma pertinente discussão bibliográfica - em questionar discursos já enraizados no meio social comum e na própria historiografia, demonstrando, por meio de uma rigorosa pesquisa e com o uso de novas compreensões teóricas e metodológicas, que imigrantes alemães, desde o princípio da colonização, buscavam espaço na sociedade hospedeira.

Alargando a compreensão do político para além de cargos e partidos, advindos da renovação neste campo temático, influenciado por trabalhos como o de René Rémond (2003), mostrou que a sociedade imigrante e seu relacionamento com os nacionais era marcada pela complexidade, pelos conflitos, arranjos, estratégias e desejo de exercer cidadania. Deste modo, Tramontini contribuiu para uma mudança nas percepções historiográficas sobre a imigração alemã não apenas no espaço acadêmico, mas dentro do próprio Instituto Histórico de São Leopoldo, onde participou por onze anos.

A segunda metade da década de 1990 e, especialmente, a partir dos anos 2000, representou um avanço significativo nas abordagens sobre imigração, especialmente a alemã. Isso se deve, em grande parte, pela influência da chegada de outras perspectivas teóricas e metodológicas ao Brasil, como a Nova História Política, a chamada Nova História Cultural, a Micro-História italiana.

Essa *revolução* permitiu ampliar as possibilidades temáticas, o uso mais diversificado de fontes, novos aportes metodológicos e a interação entre campos de estudos, como a Antropologia, Sociologia, Linguística, Ciência Política, entre outros. Como vimos anteriormente, essa diversificação de áreas de pesquisa e pesquisadores adentrou também no IHSL. Se, nos primeiros tempos da confraria, os seus integrantes vinham de áreas nem sempre ligadas diretamente ao meio acadêmico, mas tinham reconhecimento por sua inserção social ou pesquisas mais diletantes, a partir dos anos 1990, seus ocupantes passaram a ser, majoritariamente, de pesquisadores acadêmicos.

Essa alteração interna, também influenciou os simpósios ocorridos após 2000. A parceria entre o IHSL e o Programa de Pós-graduação em História da UNISINOS, a partir do trabalho realizado por Marcos Justo Tramontini, Arthur Blásio Rambo e Martin Norberto Dreher - que, além de sócios da entidade, eram professores da Universidade -, alavancou o contato da confraria com o panorama nacional e internacional das pesquisas que vinham se constituindo no campo das migrações e seus desdobramentos.

Essa interação possibilitou que o IHSL reassumisse um papel de protagonismo na produção, debates e difusão da historiografia sobre imigração alemã, tanto em nível

nacional como no exterior. Exemplo disso, ocorreu em 2018, quando foi realizado, no mês de setembro, ocorreu a 23ª edição do Simpósio de História da Imigração e Colonização e o Seminário Internacional *Migrações: perspectivas e avanços teórico-metodológicos*, com o objetivo de refletir justamente sobre as mudanças no campo conceitual e das metodologias aplicadas nos estudos migratórios, fazendo um balanço destas transformações. Ao mesmo tempo, além das conferências e debates com pesquisadores brasileiros e estrangeiros, mais de 150 trabalhos foram apresentados, abarcando temas como religião, educação, patrimônio, política, relações interétnicas, gênero, criminalidade, entre outros.

Posto isso, é cabível dizer que o Instituto Histórico de São Leopoldo vivenciou um significativo processo de ambivalência: foi influenciado pelas mudanças internas - mudanças no seu quadro de sócios e perfil dos mesmos - e externas - as renovações no campo historiográfico -, ao mesmo tempo em que se tornou um pólo dinamizador de pesquisas renovadas no campo migratório. E, conforme destacamos anteriormente, embora exista uma relação muito próxima entre o IHSL e o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, tem ocorrido, do ponto de vista de percepção historiográfica, um distanciamento entre as duas entidades.

Durante mais de vinte e cinco anos, a proximidade intelectual entre as duas instituições se devia, em grande parte, por conta da liderança de Telmo Lauro Müller, que ao mesmo tempo em que dirigia o MHVSL, era presidente, desde a fundação, do IHSL. E, com isso, acabava conformando as diretrizes e caldeamento historiográfico de ambos de acordo com sua interpretação e posicionamento sobre a imigração alemã - diametralmente vinculada com uma narrativa exultante e laudatória da mesma.

Atualmente, o IHSL possui uma outra perspectiva e abordagem em sua configuração, tanto de membros, como de plataforma intelectual. Enquanto isso, o MHVSL, em decorrência de mudanças em sua gestão, concepção museográfica e historiográfica, na mudança de diretorias e funcionários, passa por oscilações: ora com uma concepção mais aberta e solícita para com as mudanças socioculturais, ora mais afinada com as construções memorialísticas e de cunho *germanófilo*. E, no momento, essa segunda forma de *se ver e se contar* a história da imigração alemã é a adotada pelo museu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao focalizar a análise no Instituto Histórico de São Leopoldo, propô-se analisar, criticamente, a constituição desta confraria intelectual, a conjuntura de sua criação, seus integrantes e, principalmente, a evolução de suas narrativas, discursos e contribuições para

com a historiografia dedicada à imigração alemã no Rio Grande do Sul e no Brasil. Percebendo o IHSL como um espaço de intercâmbio entre a apreciação histórica diletante e a acadêmica, com mudanças consideráveis no *peso* de ambas no cerne da entidade, também pode-se vislumbrar, de forma consistente, as continuidades e rupturas nas elaborações de diagnósticos sobre a atuação e o contexto do desenvolvimento migratório.

Cabe ressaltar que se faz necessária, uma investigação futura – já que isso ultrapassaria as possibilidades do presente texto – que privilegie, de forma pormenorizada, quem eram as pessoas que ocupavam as cadeiras do IHSL e por que e como se envolveram com o instituto, o museu, e uns com os outros? Cabe pensar, ainda, quais eram as dinâmicas existentes entre eles, quais os interesses políticos em jogo? Essas questões merecem uma análise mais aprofundada, a partir de uma leitura atenciosa sobre as cartas, os registros, os textos de jornais, as atas de reunião e outras fontes disponíveis nos arquivos do museu.

Essas questões poderiam, certamente, contribuir para o aprofundamento da discussão sobre o processo que constitui a produção e difusão de um discurso enaltecido sobre o imigrante alemão e a construção de uma imagem – *poderosa e duradoura* – sobre a influência positiva e, até mesmo sem conflitos, da imigração alemã, bem como seu papel na invisibilização dos outros grupos étnicos e sociais, com os quais esses imigrantes se relacionaram.

Reconhecer as disparidades entre os diversos entes, encarregados da salvaguarda e da perpetuação da memória imigrante – neste caso, o IHSL e o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo. E, por fim - mas não menos importante –, o estudo pormenorizado e crítico destas confrarias intelectuais é necessário para uma percepção mais completa da própria construção e evolução histórica das Ciências Humanas e Sociais, tendo em vista que os institutos históricos foram, durante muito tempo, o *locus* conformador e irradiador de visões sobre o país, as províncias e estados, sobre cidades e, por obviedade, acerca da sociedade brasileira e suas singularidades e pluralidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANAIS DO CONGRESSO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA. Realizado na cidade de São Leopoldo por motivo da passagem da data centenária de sua municipalização. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1947.

ANAIS DO 1º SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL. São Leopoldo: Rotermund, 1974.

BEIGEL, Fernanda. Científicos Periféricos, entre Ariel y Calibán. Saberes Institucionales y Circuitos de Consagración en Argentina: Las Publicaciones de los Investigadores del CONICET. **Dados**, Rio de Janeiro, v.60, n.3, p.825-865, set. 2017.

BLANCO, Alejandro. Ciências sociais no Cone Sul e a gênese de uma elite intelectual (1940-1965). **Tempo soc.**, São Paulo, v.19, n.1, p.89-114, jun. 2007.

CARDOSO, Vânia Z. Narrar o mundo: estórias do "povo da rua" e a narração do imprevisível. **Mana**, Rio de Janeiro, v.13, n.2, p.317-345, out. 2007.

GUIMARÃES, Lúcia M. P. Limites políticos de um projeto intelectual para a integração dos povos do Novo Mundo: o Primeiro Congresso Internacional de História da América (1922). **Topoi**, Rio de Janeiro, v.6, n.10, p.192-212, jun. 2005.

GUIMARÃES, Lúcia M. P. IV Congresso de História Nacional: tendências e perspectivas da história do Brasil colonial (Rio de Janeiro, 1949). **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v.24, n.48, p.145-170, 2004.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

IHGB - Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Disponível em: <https://www.ihgb.org.br/>. Acesso em: 10 fev. 2019.

IHGRGS - Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.ihgrgs.org.br/>. Acesso em: 18 fev. 2019.

IUMATTI, Paulo T.; NICODEMO, Thiago L. Arquivos pessoais e a escrita da história no Brasil: um balanço crítico. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v.38, n.78, p.97-120, ago. 2018.

KEARNEY, Richard. Narrativa. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v.37, n.2, p. 409-438, ago. 2012.

KODAMA, Kaori. Os estudos etnográficos no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1840-1860): história, viagens e questão indígena. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum.**, Belém, v.5, n.2, p.253-272, ago. 2010.

MHVSL - Museu Histórico Visconde de São Leopoldo. Disponível em: <https://www.facebook.com/mhvsl/>. Acesso em: 19 fev. 2019.

MUELLER, Helena Isabel. Os ativos intelectuais católicos no Brasil dos anos 1930. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v.35, n.69, p.259-278, jun. 2015.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. Fazer história, escrever a história: sobre as figurações do historiador no Brasil oitocentista. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v.30, n.59, p.37-52, jun. 2010.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. Traçando vidas de brasileiros distintos com escrupulosa exatidão: biografia, erudição e escrita da história na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839-1850). **História**, Franca, v.26, n.1, p.154-178, 2007.

RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.

REVISTA RUA GRANDE. São Leopoldo, n. 526, ano XI, 1º/08/1975, p. 23-25.

RIBEIRO, David W. A. Uma exposição para o IV Centenário de São Paulo: um historiador português narra a “história bandeirante”. **An. mus. paul.**, São Paulo, v.26, e23, p.1-65, 2018.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003. p. 231-269.

TRAMONTINI, Marcos Justo. **Organização Social dos Imigrantes**. A Colônia de São Leopoldo na fase pioneira (1824-1850). São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

RECEBIDO EM: 24/09/2020 PARECER DADO EM: 18/02/2021